

Marie Octavie, o explorador da Amazônia: escrita feminina e resistência no relato de viagem

Marie Octavie, The Amazon Explorer: Feminine Writing and Resistance in Travel Narratives

Leidiane Leite Nascimento¹

Sheila Praxedes Pereira Campos²

Resumo: O artigo analisa a trajetória de Marie Octavie Coudreau, a primeira mulher a fotografar a Amazônia e autora de relevantes relatos de viagem no início do século XX. Marie, que se referia a si mesma como “explorador”, desafiou as barreiras de gênero ao assumir expedições científicas após a morte de seu marido, Henri Coudreau. Seus relatos, incluindo *Viagem ao Cuminá* (1900), combinam precisão científica e observações etnográficas, ao mesmo tempo que refletem uma escrita de si e uma perspectiva feminina única. A autora utilizou a fotografia e a escrita para registrar a geografia, as populações indígenas e as condições ambientais da Amazônia. O texto destaca como sua escrita é um ato de resistência, preservando a memória histórica de um território amplamente dominado por narrativas masculinas. Ao explorar a Amazônia, Marie não só documentou paisagens e culturas, mas também construiu uma narrativa sobre si mesma como “explorador”, desafiando o *status quo* e introduzindo uma subjetividade feminina em um campo predominantemente masculino.

Palavras-chave: Marie Octavie Coudreau; escrita de mulheres; relatos de viagem; memória; Amazônia.

Abstract: The article examines the trajectory of Marie Octavie Coudreau, the first woman to photograph the Amazon and author of significant travel accounts in the early 20th century. Marie, who referred to herself as an “explorer”, challenged gender barriers by leading scientific expeditions after her husband Henri Coudreau's death. Her accounts, including *Journey to Cuminá* (1900), blend scientific precision with ethnographic observations while reflecting a self-writing and a unique feminine perspective. The author used photography and writing to document the Amazon's geography, Indigenous populations, and environmental conditions. The text highlights how her writing serves as an act of resistance, preserving the historical memory of a territory largely dominated by male narratives. By exploring the Amazon, Marie not only documented landscapes and cultures but also constructed a narrative about herself as an explorer, challenging the status quo and introducing female subjectivity into a predominantly male domain.

Keywords: Marie Octavie Coudreau; women's writing; travel narratives; memory; Amazon.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). Professora efetiva da SEED-RR. E-mail: leidiane.leite@hotmail.com. Orcid: [0009-0008-6671-1821](https://orcid.org/0009-0008-6671-1821).

² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). E-mail: sheilapraxedes@hotmail.com. Orcid: [0000-0002-5648-6682](https://orcid.org/0000-0002-5648-6682).

Introduzida na Europa em 1839 com o daguerreótipo, a fotografia rapidamente se espalhou pelo mundo, revolucionando a forma como as paisagens, os eventos e os sujeitos eram representados e documentados. No Brasil, a fotografia chegou na década de 1840, concentrando-se inicialmente nas regiões urbanas. A Amazônia, devido à sua localização remota e às dificuldades logísticas, demorou mais a ser alcançada pelos fotógrafos. Contudo, a partir da segunda metade do século XIX, com a intensificação das expedições científicas, a fotografia consolidou-se como uma ferramenta essencial de registro e comunicação dessa região pouco explorada.

Nesse contexto, a produção visual da Amazônia no século XIX foi amplamente dominada por homens. Foi em meio a essa estrutura marcada por barreiras de gênero que Marie Octavie Coudreau se destacou como uma figura disruptiva. Ao registrar fotograficamente a Amazônia, Marie não apenas transcendeu as limitações impostas às mulheres de sua época, mas também construiu um legado visual e textual que permanece relevante até hoje.

Além de suas contribuições como escritora e exploradora, Marie Octavie deixou um vasto acervo fotográfico. Sua habilidade com a câmera permitiu documentar paisagens, comunidades indígenas e o cotidiano amazônico, criando um registro histórico e cultural inestimável. Suas fotografias não apenas ilustram seus relatos, mas também oferecem um testemunho visual das condições ambientais e humanas da Amazônia no início do século XX. Mais do que simples documentos visuais, suas imagens revelam uma sensibilidade peculiar ao capturar as relações entre os habitantes locais e o meio ambiente, evitando os estereótipos frequentemente reproduzidos nas representações coloniais da época.

Essa abordagem inovadora dialoga com discussões contemporâneas sobre ética e representatividade na produção do conhecimento, tendo em vista que, historicamente, as mulheres enfrentaram barreiras significativas no acesso às práticas artísticas e científicas. Sobre isso, Linda Nochlin, no ensaio *Por que não houve grandes mulheres artistas?* (2017), argumenta que a ausência de mulheres no cânone artístico não decorre de uma falta de talento, mas de contextos institucionais que sistematicamente negaram a elas oportunidades de formação e reconhecimento. Nochlin expõe como o sistema acadêmico, os salões de arte e as instituições culturais estavam estruturados para perpetuar a exclusão feminina, oferecendo às mulheres apenas espaços periféricos ou limitados dentro do campo artístico. Além disso, ela discute como os estereótipos culturais sobre genialidade e talento artístico foram

historicamente associados ao masculino, criando uma narrativa que deslegitimava as contribuições femininas, o que, além de revelar as estruturas de poder que sustentaram essa exclusão, também aponta para a importância de revisitar criticamente os cânones estabelecidos, a fim de incluir e valorizar produções artísticas e intelectuais que foram marginalizadas ao longo do tempo.

No caso de Marie Octavie, sua atuação como fotógrafa e exploradora na Amazônia representa um rompimento com as convenções sociais de sua época. Ao ocupar um espaço geográfico e simbólico tradicionalmente associado ao masculino, ela não apenas desafiou os papéis de gênero, mas também introduziu uma perspectiva feminina no registro visual e textual da Amazônia. Suas imagens, impregnadas de um senso de contemplação e humanidade, revelam um olhar que escapa às lógicas objetificadoras das narrativas coloniais.

A fotografia, enquanto meio técnico e artístico, foi frequentemente utilizada no século XIX como ferramenta para reforçar discursos coloniais e patriarcais. Conforme Susan Sontag, em *Sobre Fotografia* (2004), a câmera é um instrumento de poder que transforma o fotógrafo no detentor do olhar dominante sobre os sujeitos retratados. No entanto, o uso da fotografia por mulheres, como no caso de Marie, subverte essa lógica. Seu olhar reinterpreta o mundo, trazendo à tona novas formas de representação e compreensão das relações entre seres humanos, cultura e ambiente.

A representação visual da Amazônia, frequentemente reduzida a metáforas como “terra virgem” ou “inóspita”, reflete uma visão patriarcal que objetifica tanto a natureza quanto as populações indígenas. O trabalho de Marie Coudreau rompe com essa tradição ao introduzir uma subjetividade feminina no processo de criação e registro, como observa bell hooks, em *Olhares Negros* (2019), para quem a escolha do enquadramento e da narrativa visual carrega um potencial de resistência e de reimaginação das relações de poder.

Nesse ensaio, hooks discute como o ato de olhar (e ser olhado) está profundamente enraizado em dinâmicas de poder que determinam quem tem o direito de representar e ser representado, evidenciando que a câmera pode ser tanto uma ferramenta de dominação quanto um instrumento de libertação, dependendo de quem está por trás da lente e de qual perspectiva é privilegiada. Além disso, hooks argumenta que as imagens têm o poder de desafiar estruturas hierárquicas, quando utilizadas de maneira crítica e consciente, transformando o olhar fotográfico em uma ferramenta de subversão e resistência às narrativas dominantes. Desse modo, as fotografias de Marie Octavie exemplificam esse potencial ao

oferecer um olhar alternativo, que valoriza os detalhes do ambiente e a dignidade dos sujeitos retratados, desafiando as normas visuais e culturais de sua época.

Portanto, reconhecer o trabalho de mulheres como Marie Octavie Coudreau no cânone histórico é essencial para desconstruir narrativas unilaterais e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da história. Autoras como Silvia Federici, em *Calibã e a Bruxa* (2017), destacam como as contribuições das mulheres foram sistematicamente apagadas ou desvalorizadas em diversos campos do conhecimento, resultado de um processo histórico marcado por perseguições, exclusões institucionais e a consolidação de estruturas patriarcais.

Federici argumenta que a marginalização feminina não foi acidental, mas parte integrante do desenvolvimento do sistema capitalista moderno, que exigiu o controle dos corpos e saberes das mulheres para sua consolidação. Esse apagamento não se restringiu ao campo econômico ou político, mas também alcançou os domínios da ciência, das artes e da produção intelectual, criando lacunas profundas no registro histórico e cultural. Em se tratando da fotografia amazônica, o reconhecimento do papel de Marie ajuda a reequilibrar essa narrativa, revelando que as mulheres também foram protagonistas na construção dos imaginários culturais e históricos que moldam a compreensão da Amazônia ao desafiar os discursos hegemônicos e oferecendo uma perspectiva alternativa para a história visual e textual da região.

Madame Coudreau, o explorador

*“je suis explorateur – ce mot ne supporte pas d’être féminisé”*³ (Coudreau, 1901, p. 42). Marie Octavie Coudreau (1867–1938) é uma mulher de grande relevância na história da exploração científica da Amazônia. Sua trajetória é marcada pela superação de barreiras sociais impostas às mulheres de sua época e pelo significativo legado geográfico, etnográfico e visual que deixou para a posteridade a partir de seus relatos. Como assistente e, posteriormente, sucessora de seu marido, o explorador francês Henri Coudreau, ela desempenhou um papel central no mapeamento e documentação da Amazônia no final do século XIX e início do século XX, apesar de ter vivido em uma época em que a mulher na ciência era algo incomum. Sobre isso, a professora e tradutora Marie Helene Catherine Torres

³ Tradução nossa: “Eu sou explorador – essa palavra não suporta ser feminizada”.

destaca, no pré-texto do relato da *Viagem ao Cuminá*: 20 de abril a 7 de setembro de 1900, que

a autora [...] reflete ao longo do seu relato de viagem sobre o seu papel enquanto exploradora, bem que ela se considera *explorador* no masculino quando se refere a si próprio. Isso era normal da época, pois se hoje, no século XXI, a França tem receio com a feminização de algumas profissões, no século XIX, a questão nem sequer existia! (Torres in Coudreau, 2023, p. 31)

O fato de Marie referir-se a si mesma no masculino, como *explorador*, ilustra a invisibilidade da presença feminina em determinados campos de atuação, sobretudo naqueles tradicionalmente dominados por homens, como a exploração científica. Essa escolha linguística pode ser interpretada como uma estratégia consciente ou inconsciente de adequação ao contexto social e cultural da época, no qual a figura da "exploradora" era inexistente tanto na prática quanto no imaginário coletivo.

E esse cenário se confirma ao nos depararmos com o fato de que pouco se sabe sobre a vida de Marie antes de seu casamento com Henri Coudreau, o que reflete não apenas a falta de documentação específica, mas também a tendência histórica de negligenciar as biografias de mulheres, especialmente antes de suas conexões com figuras masculinas mais conhecidas, afinal “a falta de conhecimento das mulheres sobre a própria história de luta e conquistas é um dos principais meios de nos manter subordinadas” (Lerner, 2019, p. 277).

Conforme certidão de nascimento, Marie Octavie Renard nasceu em 30 de abril de 1867, na cidade de Anais, França, em um período de intensas transformações sociais, econômicas e culturais. Como mulher de classe média, é provável que tenha recebido uma educação básica, voltada para as expectativas sociais atribuídas às mulheres de sua época, como habilidades domésticas, línguas e possivelmente música ou artes.

O casamento com Henri Coudreau, em 1886, marcou o início de sua inserção no campo da exploração científica. Henri, um geógrafo de renome, trabalhava para o governo brasileiro e outras instituições europeias na exploração da Amazônia, documentando rios, populações indígenas e recursos naturais. Marie começou como assistente de Henri, acompanhando-o em suas expedições e registrando informações relevantes. Essas experiências moldaram sua familiaridade com os métodos científicos e sua percepção crítica das dinâmicas sociais e ambientais da região.

A morte precoce de Henri Coudreau em 1899, durante uma expedição no rio Trombetas, foi um momento decisivo para Marie Octavie. Determinada a continuar o trabalho do marido, ela assumiu a liderança das expedições, uma atitude inédita para uma mulher na ciência daquela época. Com apenas 32 anos de idade, de 1899 a 1906, Marie iniciou as expedições independentes, financiadas por instituições públicas e privadas, como o governo do Pará e empresas interessadas na exploração econômica da Amazônia.

Durante essas viagens, ela produziu relatos detalhados sobre a geografia, ecologia e as condições sociais da região, no total são cinco relatos de viagens, um deles o *Viagem ao Trombetas* que ela assina a partir das anotações de seu marido Henri e outros quatro (*Viagem ao Cuminá*, *Viagem ao rio Curuá*, *Viagem a Mapuera* e *Viagem ao Canumã*), os quais foram registrados por ela. Marie documentou rotas fluviais, mapeando territórios ainda pouco conhecidos e registrando informações sobre as populações indígenas e as comunidades ribeirinhas. Seu trabalho teve impacto direto no desenvolvimento de políticas públicas para a ocupação e integração da Amazônia ao território brasileiro.

Os textos de Marie combinam a precisão científica com observações etnográficas e narrativas pessoais, oferecendo uma perspectiva multifacetada da Amazônia com uma escrita marcada por uma abordagem descritiva e analítica que revela tanto seu compromisso com a ciência quanto sua sensibilidade como observadora. Em seu relato da *Viagem ao Cuminá* ela destaca,

[...]um explorador não é pago para fazer belas frases. Sua missão é apenas tornar conhecido o país que ele visita, ele traça o caminho que o colonizador terá que povoar e cultivar depois. Meu relato desta viagem ao Cuminá é uma série de fatos técnicos que enumero sem tomar muito cuidado com meu estilo [...]. (Coudreau, 2023, p. 99-100)

Marie apresenta uma visão pragmática da função do explorador no contexto das expedições amazônicas do final do século XIX e início do século XX, ressaltando o caráter técnico e utilitário de seu trabalho, evidencia o quanto estava alinhada ao espírito de sua época, em que a exploração territorial era frequentemente instrumentalizada como parte de projetos de expansão econômica e controle político. No caso da expedição ao Cuminá, seu objetivo está posto já no prólogo:

Dedico-me à exploração para trazer de volta os restos do meu marido para seus velhos parentes, para que ele, Henri Coudreau, não fique para sempre sob uma terra estrangeira embora amigável, e, também, para terminar o

trabalho iniciado há cinco anos, um trabalho de grande utilidade que consiste principalmente em tornar conhecidas regiões ainda ignoradas pela maioria. (Coudreau, 2023, p. 42)

Essa postura reflete a lógica colonialista dominante, em que a exploração era vista como uma etapa preliminar para a “civilização” de territórios considerados inóspitos ou selvagens. Nesse sentido, os relatos de viagem (mesmo os produzidos por mulheres como Marie) funcionavam como documentos científicos e como ferramentas ideológicas que legitimavam a ocupação e exploração das terras e das populações locais.

Por outro lado, ao destacar a ausência de preocupação com o estilo em seu relato, Marie reivindica sua seriedade e autoridade enquanto líder de uma expedição, um papel que, como mulher, precisava constantemente ser reafirmado em um campo dominado por homens. Essa afirmação pode ser lida como uma tentativa de consolidar sua legitimidade científica e prática, afastando-se de qualquer percepção de que sua escrita fosse meramente “literária” ou “feminina”, categorias frequentemente desvalorizadas na ciência de sua época.

No decorrer do relato, há algumas pistas sobre como Marie entendia sua própria experiência como “explorador” e isso se evidencia quando ela diz que “Felizes são os exploradores que têm aventuras extraordinárias, que tem que superar os elementos, que lutam contra os perigos inextricáveis” (Coudreau, 2023, p. 104). Apesar de reconhecer as dificuldades reais que enfrentava na Amazônia (desde doenças tropicais até desafios logísticos e sociais) ela expressa, nesse momento, uma reflexão quase nostálgica ou melancólica sobre a falta de “aventuras heroicas” em seu trabalho. Sua dedicação científica, fundamentada na coleta de dados técnicos e observações meticulosas, talvez não se encaixasse perfeitamente nesse arquétipo romântico de exploração popularizado pela literatura e pela mídia da época, como é possível perceber no excerto a seguir:

Quanto a mim, vou tristemente para a luz branca do céu azul, meu espírito, inquieto sofre de um mal sem remédio e, quando chegar a hora derradeira em que minha alma não resistir, será mais agradável para mim do que a luz suave da manhã, que era tão doce sob meu belo céu da França. Mas estes são sonhos da minha imaginação. Tenho outras coisas a fazer do que literatura ou sentimento. Estou aqui para fazer um levantamento preciso e o mais completo possível do Rio cominar, um subafluente do rio Amazonas. (Coudreau, 2023, p. 130).

Acima, uma dualidade marcante na escrita de Marie: de um lado, sua subjetividade aflora em reflexões poéticas e melancólicas sobre o deslocamento, a saudade de sua terra natal

e o peso emocional de sua jornada; de outro, ela reafirma com firmeza seu compromisso com a missão técnica e científica que assumiu. Essa oscilação entre a expressão íntima e a objetividade pragmática expõe um conflito comum às mulheres que se aventuraram no campo da exploração científica: a necessidade constante de validar suas contribuições em um espaço historicamente masculino, onde o sentimentalismo era frequentemente visto como incompatível com o rigor científico.

Além disso, esse trecho revela a autoconsciência de Marie Octavie sobre como sua atuação seria percebida por seus contemporâneos, tendo em vista que, ao declarar que sua função não é “fazer literatura ou sentimento”, ela parece buscar legitimidade ao reafirmar seu compromisso com os objetivos técnicos de sua expedição. Esse esforço para reforçar seu papel científico reflete a pressão que as exploradoras enfrentavam para se adequarem às expectativas de objetividade e pragmatismo, frequentemente exaltadas nas narrativas heroicas masculinas. Assim, enquanto seus pares masculinos recebiam reconhecimento por suas jornadas espetaculares, Marie precisava equilibrar sua expressão pessoal e seu rigor técnico para garantir que suas contribuições fossem levadas a sério, como expressa no trecho a seguir:

Em tais momentos, meu temperamento violento me serve admiravelmente. Meu marido sofreu com suas tripulações compostas exclusivamente de negros. Sua natureza delicada, seu espírito elevado, sua exagerada filantropia não eram compatíveis com a brutalidade às vezes necessária com homens destas naturezas. Hoje, é o José que precisa ser repreendido. Mereceu, vai lembrar do meu recado. (Coudreau, 1901, p. 102).

Este trecho do relato manifesta camadas complexas de gênero, autoridade e as relações de poder que atravessavam suas expedições pela Amazônia. Ao afirmar que seu “temperamento violento” lhe serve admiravelmente em situações de confronto com a tripulação, Marie revela uma estratégia para consolidar sua posição de liderança em um ambiente profundamente marcado por relações hierárquicas, raciais e de gênero. O comentário sobre seu marido, Henri Coudreau, ilustra um contraste entre as abordagens de liderança: enquanto Henri, com sua “exagerada filantropia”, se via em dificuldades para lidar com as tensões e conflitos no campo, Marie recorre à força e à firmeza para garantir a ordem e a disciplina entre os membros da equipe.

No entanto, ao descrever esses episódios com naturalidade e até certo orgulho, Marie parece consciente das expectativas e dos desafios impostos pelo fato de ser uma mulher à frente de uma expedição científica. Sua posição exigia não apenas habilidade técnica e

conhecimento, mas também a capacidade de impor respeito em um contexto em que a liderança feminina era quase inimaginável. Assim, o excerto acima evidencia a necessidade de Marie em adotar características associadas ao arquétipo masculino do explorador heroico (como autoridade e dureza) para validar sua presença e liderança no campo. Ao mesmo tempo, a forma como ela narra essa situação expõe a tensão entre a necessidade de se afirmar como líder e o olhar crítico que ela própria projeta sobre as dinâmicas de poder coloniais e raciais presentes em suas relações com a tripulação.

Além de revelar os desafios práticos enfrentados por Marie, esse trecho também mostra como ela negociava sua posição de poder em um cenário moldado por estruturas patriarcais e coloniais, e, nessa perspectiva, sua postura firme e seu discurso direto tornam-se ferramentas para sustentar sua autoridade e minimizar qualquer questionamento à sua liderança, uma estratégia que, paradoxalmente, precisava ser continuamente reafirmada ao longo de suas expedições. Dessa forma, suas “batalhas” (como liderar expedições em ambientes hostis ou enfrentar preconceitos de gênero) eram igualmente árduas, mas menos reconhecidas ou celebradas como aventuras extraordinárias.

Viajantes mulheres e o relato como memória e escrita de si

A escrita de Coudreau insere-se em um contexto maior da escrita de mulheres viajantes que, ao narrar suas experiências em terras estrangeiras, transformam suas viagens em registros de memória e construção de identidade. O ato de escrever sobre a Amazônia, um território amplamente desconhecido e exótico para os europeus, serviu para moldar tanto a memória coletiva sobre a região quanto a própria percepção que a autora tinha de si mesma. Seu relato, ao entrelaçar descrições factuais e impressões pessoais, transforma-se em uma forma de escrita de si, um espaço onde a autora não apenas narra o outro, mas também se posiciona no mundo como “um explorador” – a despeito do preconceito que enfrentava por ser mulher em um campo dominado por homens, como indicado por sua célebre citação, já aqui referida: “*je suis explorateur – ce mot ne supporte pas d’être féminisé*” (Coudreau, 1901, p. 42).

Essa questão da escrita de mulheres como memória é central. Ele explora como o relato de Coudreau sobre a Amazônia não só documenta suas impressões sobre a região e seus habitantes, mas também revela como a própria viagem moldou sua percepção de si mesma

como mulher viajante. A escrita torna-se, portanto, um espaço de resistência e de afirmação de sua identidade em um contexto que frequentemente tentava desvalorizar sua contribuição intelectual e científica, como no exemplo abaixo:

Guilherme quer registrar suas ideias e fica muito ofendido por eu não escrever imediatamente as preciosas informações que se propõe a me dar. [...]

– Esta ilha, diz Guilherme, chama-se *Ilha Redonda*. A Senhora não escreve o nome desta ilha?

Com um não categórico, ele olha para, os outros, parece muito chateado e parece insinuar que a Senhora não está fazendo o seu trabalho direito. (Coudreau, 1901, p. 136).

Estão postas, no trecho acima, as tensões que permeavam a atuação de Marie enquanto mulher “explorador” em um campo predominantemente masculino. Guilherme, um dos membros da expedição, expressa desconfiança e cobrança em relação ao método de trabalho de Marie, questionando sua seriedade e comprometimento com a documentação das informações. Esse episódio mostra o ceticismo enfrentado por mulheres que ousaram ocupar espaços tradicionalmente masculinos, além de refletir a constante vigilância e deslegitimação que pairavam sobre suas ações e escolhas.

Esse fragmento se conecta diretamente com a ideia de que a escrita de mulheres viajantes, como a de Marie, transcende a mera documentação factual. Sua escrita não é apenas um registro técnico ou cartográfico, mas também um ato de afirmação de sua autoridade enquanto “explorador” e escritora do relato. A tensão evidenciada nessa interação entre Marie e Guilherme demonstra como seu trabalho era constantemente submetido a uma avaliação enviesada, marcada por um olhar que desvalorizava sua capacidade intelectual e profissional.

Nesse sentido, a sobreposição entre a memória pessoal de Marie e a escrita de um lugar como a Amazônia torna-se ainda mais significativa, considerando que sua narrativa preserva informações geográficas e culturais e revela os desafios e as sutilezas de sua posição enquanto mulher em um ambiente que frequentemente questionava sua competência. Assim, sua escrita atua como um espaço de resistência e afirmação, um testemunho tanto do mundo que ela observava quanto de si mesma como agente ativa e legítima nesse processo de construção de memória histórica.

Essa sobreposição entre a memória pessoal de uma mulher viajante e a escrita de um lugar, como a Amazônia, faz parte de um fenômeno mais amplo, em que a escrita de mulheres é também um ato de preservação da memória histórica, revelando modos de ser, sentir e

existir em contextos que desafiam o *status quo*, o que pode ser relacionado com discussões contemporâneas sobre a escrita de mulheres e a memória na literatura feminista.

Sob essas perspectivas, é possível considerar que o diário e viagem de Marie permite explorar a configuração de uma poética de escrita *sui generis*, ao destacar, por exemplo, impasses memorialísticos, identitários e culturais que evidenciam o estranhamento, por parte da viajante, que versa sobre o enigma de estar longe de seu lugar de origem ao mesmo tempo em que isso também desencadeia, concomitantemente, um sentimento de não pertencimento ao seu lugar de origem.

A literatura de viagem produzida por mulheres viajantes é uma rica forma de escrita que se entrelaça com a memória e a escrita de si, servindo como um campo de expressão pessoal, política e social. No século XIX e início do século XX, quando as viagens exploratórias eram dominadas por homens, as mulheres que se aventuravam pelo mundo tinham de enfrentar expectativas sociais e culturais que as limitavam. Assim, a escrita dessas viajantes frequentemente refletia uma dupla jornada: a física, pelos lugares que exploravam, e a introspectiva, enquanto refletiam sobre sua própria identidade e posição no mundo.

Essas narrativas, como a de Marie Octavie Coudreau, não são apenas relatos de lugares e culturas exóticas; elas também são uma forma de “escrita de si”, como aponta Michel Foucault, para que, a *escrita de si* é um ato pelo qual o sujeito se constitui enquanto indivíduo através do registro reflexivo de suas experiências, criando um espaço onde a subjetividade se revela e se reafirma. Nesse sentido, a escrita de Marie, além de documentar suas viagens, também constrói uma narrativa em que ela se posiciona como sujeito ativo, desafiando as normas sociais e de gênero que buscavam silenciar ou deslegitimar sua voz.

Desse modo, a escrita de viagem das mulheres também se conecta à memória no sentido de registrar o passado e como uma maneira de preservar suas vivências pessoais e culturais em um espaço que, historicamente, as excluía. Ao descrever suas experiências de deslocamento, essas autoras enfrentavam tanto o desconhecido do “outro” quanto os desafios internos de se constituírem como sujeitos autônomos em sociedades patriarcais. Através da narração de suas jornadas, elas capturavam as paisagens exteriores e interiores, misturando a observação detalhada dos lugares com reflexões sobre si mesmas e suas posições no mundo. Ao registrar suas experiências, essas mulheres usavam a escrita como uma forma de se apropriar de sua própria voz, questionando e contestando as limitações impostas pelo patriarcado. Para muitas dessas viajantes, como Coudreau, viajar e escrever eram formas de

afirmação de uma identidade que escapava às normas femininas da época, permitindo que suas experiências de liberdade e descobertas fossem registradas em uma memória coletiva.

Esses textos, como fontes históricas, são ainda atos de resistência e dissidência. Ao escrever sobre si mesmas e suas viagens, essas mulheres desafiaram o papel que lhes era atribuído pela sociedade e reivindicaram o direito de serem vistas como autoras de conhecimento. O diário de viagem, nesse sentido, é um espaço onde a memória pessoal e coletiva se encontram, em que a história do outro e a história de si se entrelaçam. Essas narrativas criam pontes entre o real e o ficcional, e entre a memória e a criação de identidade, tornando-se também uma forma de preservar a memória de culturas e tradições que muitas vezes eram vistas através do filtro de uma visão colonizadora.

No contexto da escrita de mulheres, a memória não é apenas uma recordação passiva, mas um ato de sobrevivência e resistência. Elas registram não só os locais visitados, mas também suas impressões sobre o lugar da mulher na sociedade, suas lutas e suas conquistas. Assim, a literatura de viagem torna-se um importante espaço de articulação da subjetividade feminina e um instrumento de contestação aos discursos hegemônicos, permitindo que as mulheres escrevessem suas próprias histórias, suas memórias e, conseqüentemente, a história de si mesmas.

Dessa forma, os relatos de viagem de mulheres como Marie Octavie Coudreau não apenas registram os detalhes técnicos e as paisagens dos territórios explorados, mas também denunciam as limitações impostas às mulheres em espaços tradicionalmente dominados por homens. A escrita dessas viajantes é uma forma de transgressão, ao mesmo tempo em que reivindica o direito à autoria e à produção de conhecimento. Ao se posicionarem como protagonistas de suas narrativas, essas mulheres não apenas documentam, mas também reinterpretam o mundo ao seu redor, desafiando estereótipos e construções patriarcais que tradicionalmente relegavam as mulheres ao papel de observadoras passivas.

Além disso, a presença feminina nesses relatos subverte a lógica colonialista que tradicionalmente guiava as representações de terras estrangeiras e populações indígenas. A escrita e as fotografias de Coudreau, por exemplo, introduzem um olhar diferenciado que revela as conexões entre as pessoas e o meio ambiente, fugindo da objetificação típica das narrativas coloniais. Esses relatos revelam a importância de uma abordagem plural para a construção do conhecimento, na qual as experiências individuais e subjetivas também têm lugar, questionando as hegemonias que excluem ou minimizam essas perspectivas.

Portanto, ao revisitar a literatura de viagem feminina, torna-se evidente que esses textos não apenas ampliam o entendimento sobre culturas, territórios e histórias frequentemente marginalizados, mas também contribuem para a recuperação e preservação de vozes femininas no registro histórico. Essas narrativas reafirmam o papel das mulheres como agentes da memória e da história, cujas contribuições são indispensáveis para uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo.

Desse modo, a literatura de viagem produzida por Marie revela também a complexidade das formações discursivas que moldam tanto a representação do território amazônico quanto a construção das subjetividades das viajantes. Seus relatos inscrevem-se em uma rede de circulação de saberes que dialoga com a ciência, a etnografia e a literatura, ao mesmo tempo em que expõe as tensões entre os discursos hegemônicos eurocêntricos e suas experiências individuais. A viagem, enquanto prática e narrativa, configura-se como um espaço de produção simbólica no qual se entrelaçam memória e marcação de identidade.

Reconhece-se, assim, na literatura dessa viajante, o papel das narrativas na construção de imaginários sobre o território, bem como seu papel em desestabilizar as hierarquias que historicamente condicionaram a circulação e a legitimação do conhecimento. Assim, esses relatos ampliam as possibilidades interpretativas sobre a Amazônia, reafirmando a centralidade do sujeito viajante no processo de mediação e reconstrução das representações do espaço e dos povos que o habitam.

Referências

COUDREAU, Marie Octavie. **Viagem ao Cuminá – 20 de abril a 7 de setembro de 1900**. Tradução Marie Helene Catherine Torres. Belém (PA): Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

NOCHLIN, Linda. “Por que não existiram grandes mulheres artistas?”. *In*: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (orgs). **Histórias da sexualidade**: antologia. São Paulo, Masp, 2017. pp. 16-37.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.